

# **HISTÓRIAS DE VIDA: NARRATIVAS DO COTIDIANO COMO SUPORTE AO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

---

Luiz Alberto de Souza Marques

## **Resumo**

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada com 15 professores atuantes em séries iniciais do Ensino Fundamental, em quatro comunidades – Colônia São Pedro, Faria Lemos, Marcorama e São Roque Figueira de Melo, nos municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi, ambos no Rio Grande do Sul. Objetivou a construção de proposta metodológica de iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental – Estudo do Meio –, visando a intervir na percepção de uma identidade étnica e cultural com base em valores locais e tendo como sustentação as experiências de vida em família e em comunidade, através das relações espaciais, temporais e grupais. A escolha desta região deveu-se ao fato de os envolvidos – alunos, professores, funcionários e comunidade – serem descendentes de imigrantes. Os professores receberam textos de pesquisadores, antropólogos e historiadores da cultura italiana no Rio Grande do Sul, para se abastecerem de conhecimentos sobre a história local e regional, complementando, assim, as informações contidas nos livros didáticos. Um estudo de cunho etnográfico, representado por um conjunto de manifestações, favoreceu a compreensão das modificações ocorridas no espaço – resultantes de um modelo de ocupação e de construção das sociedades locais através do tempo – oportunizando aos alunos a formação de seus próprios conceitos espaço-temporais, baseados no estudo de seus antepassados, fundamental na iniciação aos conhecimentos histórico e geográfico.

**Palavras-chave:** Histórias de vida, estudo do meio, ensino de história, história, italianidade e cotidiano.

## **LIFE HISTORIES: THE DAILY LIFE NARRATIVES AS SUPPORT TO THE TEACHING OF HISTORY AND GEOGRAPHY IN THE INITIAL SERIES OF THE BASIC TEACHING**

## **Abstract**

This work presents the outcomes of a research carried out with 15 elementary school teachers in four communities of Bento Gonçalves and Garibaldi counties, state of Rio Grande do Sul, Brazil.

The aim of this study was the construction of a methodological proposal of initiation to the teaching of History and Geography in the initial series of the Basic Teaching – Study of the Way–, intend to intervene in the ethnic and cultural identity perception based on the local values and taking the experiences of life in family and in community as a sustenance, through the space, time and group relations. The choice of this region owed to the fact of the involved ones – students, teachers, officials and community – are immigrants' descendants. The teachers received texts of researchers, anthropologists and historians of the Italian culture in Rio Grande do Sul, to be supplied of knowledge on the local and regional history, complementing, so, the information contained in the text books. A study of ethnographic hallmark, represented by a set of demonstrations, favored the understanding of the modifications occurred in the space – resultant forces of a model of occupation and of construction of the local societies through the time – providing to the students the formation of his own space-time concepts, based on the study of his ancestors, basically in the initiation to the historical and geographical knowledge.

**Keywords:** Life stories, Environmental study, History, History teaching, Italian culture, Daily life.

## **1 O ensino de história e Geografia nas diretrizes curriculares para as séries iniciais do Ensino Fundamental**

### **1.1 Estudo do Meio e o cotidiano de um grupo étnico – A Região Colonial Italiana**

Antes de penetrar nas questões pedagógicas do referido estudo, é importante que o leitor conheça traços do contexto cultural onde o estudo se realizou.

A região colonial italiana é facilmente identificada no panorama cultural sul-rio-grandense por possuir manifestações culturais específicas que identificam o grupo étnico de origem. Algumas manifestações inerentes a esta cultura são expostas ao público através de festas regionais, vinculadas principalmente à vindima, que iniciou com a Festa da Uva em Caxias do Sul/RS, posteriormente estendida a toda a região, com feições próprias em cada cidade e/ou comunidade, mas tendo muitos elementos em comum, denominados “tradição cultural italiana”. Fonte de atração que alimenta a indústria turística regional, as festividades populares da cultura de “origem italiana” tornaram-se atrativas e de larga aceitação no conjunto da oferta regional. São famosos e apreciados os pratos da culinária, o canto coral, os grupos de danças, os jogos de carta e bocha, o vinho “colonial” produzido nas pequenas cantinas, acompanhado de queijo e salames, a fala característica com acentuado sotaque, e muitos traços culturais agregados ao espírito expansivo e alegre do povo.

Os referidos traços culturais presentes nas feiras e festas vinculados à produção agroindustrial, aliados aos costumes característicos do dia a dia, são transformados em atrações que encantam e fasci- nam visitantes. São tradições identificáveis da cultura popular de origem italiana (muitas vezes, com o rótulo de folclore), tanto no espaço regional como através do tempo. Isso, por vezes, gera algumas inter- rogações que não se mostram necessariamente como questões de pesqui- sas relacionadas a esse texto, a saber:

- Estas manifestações são representativas do cotidiano de vida e de trabalho, ou são representações simbólicas utilizadas nos momentos festivos, como oferta comercial e turística?
- Serão ainda resquícios da cultura transplantada com a vinda dos imigrantes, ou são tradições criadas aqui, com elementos originários da Itália?
- A escola proporciona um espaço para o estudo das manifes- tações culturais do grupo étnico majoritário ou tangencia essa questão, utilizando-se apenas dos textos resumidamente encon- trados nos livros didáticos?

No tocante às questões da área cultural, o Estudo do Meio substancia-se na busca de conhecimentos a partir da escola, reconhe- cendo as manifestações específicas da sociedade local, como resultado de uma tradição construída no cotidiano das relações sociais, produtivas, religiosas e políticas, entre outras, que ali se travam através da memória popular.

Um estudo com este enfoque cultural possibilita a construção de um saber escolar, partindo do meio onde vivem os alunos e seus familiares, dentro de um recorte de cunho etnográfico no ensino de História e de Geografia em sua fase inicial. Interesse-me, sobremaneira, em procurar interferir, dentro dos limites desta proposta, no modo como o ambiente cultural do grupo abrangido é visto, pensado e estudado na escola, no cotidiano do meio e que lhe presta identidade.

Segundo Pozenato (1990, p.10), a identidade não é buscada “no plano das manifestações externas, mas no uso que existe por trás das manifestações”, ou seja, vai além das aparências e das celebrações. Assim, as manifestações legítimas da cultura não estão na “exposição”, mas no cotidiano das pessoas em família e em comunidade.

Como cultura, num sentido antropológico, as manifestações nascidas do povo não têm o mesmo significado que os recortes utilizados, quando mostradas como “folclore italiano” ou “festas típicas”. Folclore é aqui entendido como um conjunto de manifestações culturais permanentes ou de tradições preservadas por um povo. Como folclore, representam apenas fragmentos simbólicos: uma cultura residual de um tempo em que uma sociedade sobrevivia isoladamente, não integrada a um processo dinâmico de economia de mercado ou de uma nova ordem social.

Como a sociedade regional foi construída na fusão de vários grupos oriundos de regiões diferenciadas da Itália, esta tradição, embora represente as manifestações do grupo vêneto, não singularizam o conjunto do povo. Trata-se do somatório de traços culturais como contribuição dos grupos originários, fundidos num processo de elaboração ou mesmo de “invenção” de uma nova referência cultural.

Os imigrantes construíram, assim, nas condições com que se depararam ao chegar à região, o seu *ethos* cultural na “Mérica”: uma cultura italiana aliada às novas condições de vida.

Segundo Macedo (1984, 35), “A cultura consiste num conjunto global de modos de falar, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo de vida pelo qual a vida social se desenvolve.”

Neste novo modo de vida, na medida em que foram se agregando novos valores, criaram-se novas expressões. Suas manifestações se fortaleceram numa cultura elaborada no conjunto do grupo, eminentemente de povo com simbolizações próprias e, como tal, em constante reelaboração.

Para Geertz (1987, p.143), o *ethos* de um povo:

É o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estático, sua disposição, e a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão do mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade.

Na realidade da região colonial italiana, o *ethos* apresenta-se como um espaço construído coletivamente e que se operou num tempo mensurado (após a chegada dos imigrantes e a formação das sociedades locais), caracterizando-se como resultado de trocas culturais, estabele-

cidas no seio da comunidade, no incremento das interações sociais. Essas novas manifestações culturais foram, de alguma maneira, compartilhadas e legitimadas por todos os integrantes dos grupos comunitários nas áreas ocupadas pelos imigrantes italianos, já que naquele momento todos pertenciam a uma mesma etnia e compartilhavam a construção coletiva de um novo espaço de vida.

Rovilio Costa e Luiz Alberto De Boni, que estudaram algumas sociedades formadas através dos núcleos coloniais e realizaram pesquisas sobre a presença italiana no Brasil, com foco sociocultural, afirmam que o abandono – a que foram submetidos os primeiros imigrantes no assentamento nas recém-instituídas “colônias” pelo governo Imperial – foi agregador e afirmativo desta nova identidade cultural, que passou, portanto, por um processo de recriação em um novo espaço.

Conforme os autores, “lançados à própria sorte, em um mundo totalmente estranho, defrontando com a natureza em sua virgindade primitiva, os colonos recriam seu mundo cultural decalcando-o sobre alguns valores trazidos da Europa” (DE BONI e COSTA, 1992).

A partir do último quartel do século passado, resultante de um modo peculiar de fixação à terra e de desenvolvimento de grupos, estes tinham ainda presentes os traços culturais de suas culturas originais. Tais grupos criaram ou “inventaram” uma unidade cultural nova e particular: “a colônia italiana”, que resultou num novo cenário de manifestações culturais.

Olivem (1992, p.26), abordando a questão da tradição num ambiente cultural em constante mutação, aponta a tradição como uma referência que permite o reconhecimento das “identidades” originárias ou construídas em diferentes sociedades. Ainda, segundo o autor, muitas tradições foram inventadas a partir de determinado momento histórico e passaram, através do tempo, a ser aceitas e reproduzidas como próprias e até fazem parte do conjunto de manifestações tidas e difundidas como “tipicamente italianas”.

Essa cultura italiana ou italianidade, que se mantém viva no cotidiano das pequenas comunidades, passa a ser relevante – quando o Estudo do Meio propõe a iniciação ao ensino de História e de Geografia, nestas regiões etnicamente diferenciadas – pois os alunos terão oportunidade de estabelecer os primeiros contatos com o conhecimento histórico através da relação entre o tempo presente e vivenciado com o tempo vivido por seus antepassados que construíram a história de seu espaço de vida, de seu meio e, portanto, de sua cultura. Essa mesma

história vivida é rica em memórias, detalhes e, principalmente, emoção, o que a torna curiosa e interessante.

Ao enunciar os elementos essenciais presentes na construção dessa identidade cultural italiana, Oro (1996, p.614) inicia pelo “talian”, por ser o modo de falar ou “dialeto” integrador do grupo étnico, criado no Brasil, representando a fusão de diversos “dialetos” provinciais, mesclando termos da língua portuguesa. No decorrer deste trabalho de pesquisa, em vários textos, principalmente no conhecimento dos elementos do meio natural, os alunos citam palavras em “italiano”.

O “talian” contribuiu para a preservação de um conjunto de manifestações culturais até hoje tidas como vinculadas à etnia italiana. Entre elas, o canto, as orações, a história oral, o jogo, os “causos”, a escrita, a comunicação no grupo familiar e comunitário.

Outro elemento apontado por Oro é a relação familiar patriarcal, constituída numa aceitação incontestável da força simbólica de poder que emana dos “nonni” (avós) depositários de uma tradição de cultura familiar configurada como sabedoria, vivência, experiência acumulada, manejo político das relações sociais, entre outras, e traduzida num profundo respeito “aos mais velhos”.

É no seio da família que os valores étnicos e culturais se reproduzem. Ali, também, é que o Estudo do Meio se fortalecerá e será campo de investigação, por alunos e professores, estabelecendo relações espaciais, temporais e grupais que irão fornecer elementos expressivos para a reelaboração, no espaço escolar, do conhecimento de uma cultura do meio.

Ao priorizar o meio cultural e suas manifestações como forma de conhecimento de uma cultura de grupo familiar e comunitário, o estudo visa a compreender, com os alunos, o significado e a importância das ações humanas, que são consideradas também culturais.

Segundo Freire (1994, p.31 e 56), “cultura é tudo o que é criado pelo homem.” E são culturais “todos os produtos que resultam da atividade do homem.”

Assim, no ensino de História e de Geografia, ao despertar o ato de criar e de transformar as ações humanas em cultura, os professores e alunos utilizam-se das manifestações do homem em seu meio e dão-lhes, na escola, os seus devidos valores.

Ao inserir no estudo as práticas culturais dos grupos familiar e comunitário, objetiva-se, também, provocar na escola, um “*abrir-se a*

*alma*” da cultura de um grupo, como quer Freire (1995, p.110). Envolver-se no cotidiano, nas mais diferentes formas, constitui uma maneira de compreender a História e a trajetória de vida de seu povo.

Para Bittencourt (2004, p.172):

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, de proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares”.

A cultura que busco estudar e/ou representar no estudo do cotidiano não se atém tão-somente aos símbolos e representações constantemente visualizados e identificados nos grupos e sociedades etnicamente diferenciadas; não se encontra restrita aos “hábitos” e “costumes”, como a escola tem enfocado, mas é a que permeia o cotidiano de trabalho, as relações familiares e comunitárias, e que se apresenta singular na construção histórica de seu povo/grupo. Mesmo modificados no decorrer do tempo, os traços culturais que permanecem ainda prestam identidade às sucessivas gerações.

### **1.2 Estudo do Meio e o estudo do cotidiano de um grupo étnico**

O Estudo do Meio, como uma abordagem metodológica, enfoca preferencialmente a questão do conhecimento da cultura local numa perspectiva de construção de sociedade em um determinado espaço, pontuando os modos de vida, tanto no presente como no passado recente e remoto, enfatizando as transformações e suas consequências, bem como as permanências, possibilitando a construção de conhecimentos pesquisados e elaborados pelos alunos conforme suas percepções.

O estudo traz como referência o conceito de cultura na ótica da Antropologia Cultural utilizado por Hoebel e Frost (1999, p.4), qual seja: “sistema integrado de padrões de conhecimentos aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de uma herança biológica.”

Entretanto, o que observei, num considerável número de escolas, é uma defasagem entre as premissas e a ação docente. Muitos dos objetivos estão até hoje sendo utilizados nas propostas curriculares e na

de ação dos professores, mas no cotidiano da ação pedagógica existe um visível distanciamento entre o uso da palavra (discurso) e sua efetivação (prática).

Os elementos culturais sempre integraram os currículos escolares, mas geralmente vistos como um apêndice à parte. Nos antigos livros didáticos de História, encontravam-se citados ao final dos capítulos como expressões das artes no período estudado. Em Geografia, como geografia humana, mas despossuídos do enfoque de como cada grupo se organizava culturalmente num determinado espaço e ali construía a sua sociedade e sua identidade.

Não é raro ver-se professores ainda classificando, listando, catalogando, apenas, elementos simbólicos como se fossem os principais traços culturais de um grupo. É importante registrar que tais elementos simbólicos sofreram transformações ao longo do processo de construção histórica. Mas, por se tratar, em geral, de questões comportamentais e, portanto, sujeitas a modificações e interferências por sucessivas gerações, ainda fazem parte da memória ou do cotidiano desses grupos. Não se trata de “folclorizar” as manifestações, mas de registrar, numa ação pedagógica, hábitos, atitudes e outras manifestações que povoam a memória dos “nonnos” e “nonnas”. O estudo de tal memória nas escolas locais desperta nos alunos o interesse e a curiosidade pelo conhecimento da construção e evolução das sociedades em que eles estão inseridos, bem como das relações espaço-temporais.

Para que se possa integrar os saberes do povo com o saber escolar, é importante que a escola utilize a memória dos grupos como instrumento de conhecimento da história local. E, nela, a presença de narrativas de outro tempo que representava outro cotidiano.

Para Bittencourt (2004, p.168):

O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a idéia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação.

Inserir a cultura local e regional numa perspectiva de estudos do cotidiano através das histórias de vida na iniciação ao ensino de História e Geografia foi o desafio proposto nesta pesquisa.

## 2 COMO ESTA CULTURA AINDA É VISTA NA ESCOLA

Para entender como esta cultura chega às escolas, nas comunidades da região colonial italiana, buscou-se analisar os valores culturais e étnicos que são enfocados através dos textos que subsidiam os professores e, por vezes, representam as únicas abordagens que a escola faz sobre a cultura regional.

Foram escolhidos quatro autores e sete obras que compunham, até o momento da pesquisa, a oferta de livros didáticos distribuídos pelos órgãos oficiais às escolas da região para serem escolhidos e, posteriormente, trabalhados com os alunos. Alguns deles encontram-se com edição esgotada, mas, mesmo assim, avolumam-se nas bibliotecas escolares e servem de referência de pesquisa aos alunos e professores.

Retirei desses textos elementos que identificam as contribuições de ordem econômica, social e cultural dos imigrantes italianos para a formação do Rio Grande do Sul, estudados como conteúdos de História nas séries iniciais. O que se percebe é que essa cultura chega até a escola de forma estereotipada e é trabalhada com os alunos de maneira que eles respondam da mesma forma através dos exercícios propostos e que visam a reproduzir as afirmações dos autores. Dadas as limitações de espaço para a redação deste artigo, citarei apenas numericamente os autores e as “expressões chaves” de suas elaborações.

1. Três dos autores apontam aspectos desvestidos de uma contribuição cultural que se reelabora constantemente, mas aspectos simbólicos tidos, muitas vezes, como folclóricos ou interpretados como uma tradição trazida pelos grupos de imigrantes.

Autor 1- Tocar acordeão; jogar cartas; comer massa e polenta; beber vinho; realizar festas nas colheitas; rezar missas; construir casas com tabuinhas.

Autor 2- Não menciona contribuição cultural do imigrante.

Autor 3- Danças e canções.

2. Três dos autores salientam contribuições econômicas.

Autor 1- Trabalho na agricultura; plantação de uvas; instalação de pequenas fábricas de vinho; contribuição para o desenvolvimento agrícola e industrial.

Autor 2- Produção de uvas e vinhos; produção industrial.

Autor 3- Economia de subsistência; produção artesanal; atividade agrícola; produção de milho e uvas; fabricação e comercialização de vinhos; atividade agrícola; artesanato.

3. Três dos autores apontam aspectos voltados à alimentação como contribuição cultural italiana.

Autor 1- Uso do vinho; introdução de polenta e galetto no cardápio, uso de massas e queijos; crenças e canções.

Autor 2- Acrescenta: pizza.

4. As informações sobre as contribuições da imigração italiana não são contextualizadas, apresentando-se desconectadas entre si; elas aparecem de modo classificatório e enumerativo.

5. O autor 4 não menciona a contribuição cultural dos imigrantes. Quando aborda a cultura do Rio Grande do Sul, destaca somente o tipo pampeano, seus usos e lendas como se os representantes das diversas etnias colonizadoras e de origem europeia mais recentes em nada tivessem contribuído para a formação do “homem rio-grandense”.

6. Os autores citam como “populares” ou “pitorescos” as festas de colheita, a música tocada com gaitas e a fabricação delas como contribuição dos italianos para a cultura do Rio Grande do Sul.

7. Os textos que chegam às escolas da região colonial italiana – e, em particular, às comunidades que participam deste trabalho, no tocante ao tema da imigração e levando em consideração a imigração italiana – pouco contribuem para o conhecimento dessa história, já que os aspectos abordados são apenas listados, enumerados e não apresentam nenhum estudo de seus processos e contextos.

8. Privilegia-se a figura simbólica em detrimento de um contingente maior de “gaúchos” que habitam outras regiões do Estado: retira-se toda a possibilidade de entendimento de que os gaúchos de origem italiana formam também uma identidade cultural – gaúchos; reforça-se a idéia de que existem gaúchos e o “Gaúcho”. Estas posturas excludentes ferem, por vezes, o entendimento das crianças de que gaúchos são os nascidos no Rio Grande do Sul. Ao mirarem-se nos exemplos dos livros, percebem que o “Gaúcho” é um tipo à parte, vivendo em um território exclusivo, com uma história distinta e uma cultura específica.

9. No tocante à cultura do povo do Rio Grande do Sul, o autor 1 menciona “apenas” o tipo gaúcho tradicional, que vive no pampa. Como

sabemos, um tipo idealizado e ideologicamente mitificado. Os demais grupos formadores do povo rio-grandense foram excluídos em seu texto.

10. O autor 4 nada registrou sobre a participação dos imigrantes e seus descendentes na formação sociocultural do Rio Grande do Sul.

11. Não há referência ao tipo de sociedade que os imigrantes aqui formaram e a condição de vida e de trabalho nas áreas coloniais, como se as “novidades” trazidas fossem introduzidas em uma área já povoada e numa sociedade já estruturada, sobrepondo, com suas tradições, uma cultura já existente. (autor 1)

12. O autor 1 faz referência à integração dos italianos: “atualmente todos os imigrantes encontram-se perfeitamente integrados na comunidade sul-rio-grandense”. Todavia isso se aplica somente aos descendentes, pois os imigrantes de 1875 ou de 1878, ou posteriores a esse período, certamente já faleceram.

13. Quanto à forma como os professores trabalham e como percebem a importância que se atribui à cultura italiana, todos (14) foram unânimes em afirmar que, durante o curso de formação de magistério, não receberam nenhuma informação sobre a cultura italiana em seus respectivos municípios. Numa região em que as manifestações culturais de origem italiana são tão expressivas e cultuadas como produto da oferta comercial e turística e de motivação para festas e feiras regionais, chama a atenção o fato de que os sistemas educacionais não tenham até aqui dado ênfase ao estudo desses aspectos culturais nos currículos escolares do ensino fundamental e médio. Esta realidade evidencia que a escola prega em seus objetivos pedagógicos a adequação do estudo “ao cotidiano”, “às vivências” e “à realidade” dos alunos, mas, na prática, não enfatiza as questões culturais de seu meio e região.

As apresentações artístico-culturais, em festas na escola e na comunidade, com a temática da cultura italiana são atividades episódicas, não fazendo parte de um trabalho contínuo, com ênfase na cultura de seu grupo e de seu meio.

Os professores reconhecem a importância da introdução de estudos culturais e sociais sobre a cultura italiana nas escolas da região, pois a cultura italiana somente é lembrada em épocas especiais como:

- horas cívicas;
- festas do padroeiro da comunidade;
- festas e comemorações esporádicas;

- semanas do município;
- dia do colono;
- feiras e festas de vindima.

Questionados como trabalham a cultura italiana em sala de aula ou preparam os alunos para momentos festivos, os professores revelaram que se valem de entrevistas, fotos antigas, consultas bibliográficas, cantos, dramatizações, filmes e memória popular.

A maioria dos professores sente necessidade de trabalhar aspectos da cultura do meio e do grupo de origem italiana junto aos alunos. O que dificulta o andamento e a continuidade dos trabalhos é o pouco material disponível e a falta de informação/formação sobre o assunto. Além disso, as produções acadêmicas realizadas sobre a realidade regional não chegam até as escolas para o próprio embasamento dos professores.

### **3 COMO ESTA CULTURA PODE SER VISTA NA ESCOLA**

A italianidade, forma de expressão da cultura italiana, mantida viva através da história oral e da memória popular coletiva, foi o recorte que fiz, propondo a iniciação ao conhecimento histórico e geográfico através das narrativas do cotidiano local. Isto pode ser feito no:

a) meio natural – os alunos passam a compreender a relação que se estabeleceu entre sociedade e o meio natural onde vivem e do qual tiram sua subsistência, os hábitos de trabalho, as práticas com o manejo e o cuidado com a preservação dos elementos do espaço;

b) meio histórico – quando os alunos passam a perceber, em relação ao espaço, que o “hoje” vivenciado foi diferente em outros tempos; que a sociedade conhecida e compartilhada já teve outras feições, outro cotidiano;

c) meio econômico – percebem que há formas diferenciadas de como as pessoas, famílias e comunidades vivem e/ou viveram e que as relações são estabelecidas em torno das atividades de trabalho, produção, comércio, transportes, comunicações e serviços;

d) meio político – trata-se das diferentes formas de como se identificam as lideranças locais, as autoridades constituídas e o poder delegado pelo povo, e de como elas construíram o passado e realizam conquistas no presente;

e) meio social – estudam as relações dos grupos formadores da sociedade local e regional e de suas múltiplas formas de convivência social, da constituição das classes sociais que prestam identidade social e das manifestações da cultura inerente a cada um dos membros do grupo;

f) meio cultural – enfoca as manifestações culturais vivenciadas no cotidiano do espaço familiar e comunitário através de seus hábitos, costumes e sentimentos que prestam identidade ao grupo.

Essas áreas foram decodificadas em 10 temas geradores e subdivididas em diferentes subtemas ou assuntos a serem pesquisados.

Cada tema teve ficha de pesquisa elaborada com os alunos, contemplando os interesses deles e dos professores.

De posse de uma metodologia de pesquisa adequada à compreensão dos alunos, estes se organizaram em pequenos grupos conforme o subtema a ser estudado e foram às fontes de pesquisa, subsídios bibliográficos ou da história oral, para comporem seus relatórios.

Ao retornarem, organizavam os dados, analisavam o conteúdo deles e os apresentavam em múltiplas linguagens, textos, desenhos, maquetes, painéis e dramatizações. Isso representou a possibilidade de comunicarem à escola e à comunidade os resultados de suas pesquisas.

Em aula, as apresentações dos grupos aconteceram na forma de seminários. Dos textos foram extraídos assuntos a serem discutidos com os demais colegas, para, junto com os desenhos, formarem os “livros da comunidade”.

### **3.1 A percepção dos professores sobre a experiência com as histórias de vida e narrativas do cotidiano**

Ao avaliar-se o trabalho realizado pelos professores, durante a pesquisa com 15 professores atuantes em séries iniciais do Ensino Fundamental, em quatro comunidades – Colônia São Pedro, Faria Lemos, Marcorama e São Roque Figueira de Melo, nos municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi/RS, em que as narrativas do cotidiano serviram como suporte ao ensino da história e cultura locais, um número

expressivo deles (80%) considerou ótimo o trabalho, e os demais (20%) concluíram que a experiência foi muito boa.

Segundo os participantes, a experiência foi valiosa porque:

“Através das entrevistas, aprendemos bastante, ficamos sabendo de muita coisa nova e isto facilita a construção coletiva dos conceitos; as crianças conheceram melhor como viviam seus antepassados; somos frutos desta imigração italiana e desta cultura e este trabalho veio reforçar ainda mais a ideia de valorização e resgate do meio onde se vive; os alunos compreenderam melhor suas origens; os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, resgatar histórias de seus avós, e até mesmo falar o dialeto que seus avós falavam. Com esse trabalho de conceitualização, o aluno valorizou mais sua realidade e interessou-se em conhecer melhor a história de seus antepassados.”

A ideia de vincular esta experiência a uma área de descendentes de imigrantes italianos foi positiva por resgatar e valorizar uma cultura que estava aos poucos sendo esquecida.

Questionados sobre os aspectos que enfatizam a experiência de inserção da cultura italiana (cultura do meio), na iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais, os professores assim se manifestaram:

- “A cultura italiana em nossa comunidade escolar está muito presente no dia a dia de nossos alunos; ocorreu a valorização dos antepassados, houve maior entrosamento da escola com a comunidade; a vivência dos antepassados foi transposta para o hoje; houve empolgação das crianças querendo saber mais; o vínculo forte que o italiano estabeleceu com esta terra facilitou a compreensão dos elementos históricos e geográficos.”

Os depoimentos confirmam que o uso da cultura residual e ainda presente nos descendentes dos imigrantes italianos serviu como motivação para que os alunos compreendessem o sentido do estudo de História, numa sociedade onde esta mesma cultura possui uma raiz forte.

Ao relacionarem as interferências que a cultura italiana proporcionou no fazer pedagógico com os conteúdos de História e Geografia, os professores confirmaram que:

- “Existiu um fascínio pelo passado, buscando coisas até então quase esquecidas pelos nossos pais, avós: existe um saber em todo lugar e em toda pessoa, importante e valioso; há a preocupação do aluno em querer saber cada vez mais sobre seus antepassados; todo trabalho desenvolvido com a criança teve por base a sua própria história e a de sua família, de sua comunidade. O resultado final foi satisfatório tanto para o professor quanto para o aluno; foi motivação para as famílias e comunidade; trabalhou as origens e a realidade dos alunos em aula; modificou a nossa prática porque notamos a importância de trabalhar a cultura italiana.”

A proposta de inserção de estudos de caráter etnográfico no currículo escolar como proposta de construção coletiva de um saber através da história oral e da memória popular alcançou objetivos, já que a comunidade, acreditando que o seu “saber” tem significados, propôs-se a colaborar e daí estabeleceu uma espécie de aliança cultural com a escola.

As dificuldades encontradas referem-se à autoestima, ao pouco conhecimento que as gerações mais recentes têm da história de seu próprio povo; pouca confiança em que um saber “popular” possa ter significados dentro do âmbito escolar. Uma vez rompida essa barreira inicial, houve uma rica troca de conhecimentos e uma disponibilidade das gerações mais velhas em colaborar com os alunos, pois sentiram-se valorizadas e gratificadas.

Quanto às interferências que o uso da cultura do meio (italiana) proporcionou às práticas pedagógicas dos professores, eles confirmaram que elas, de fato, ocorreram. As interferências apontadas servem de indicadores para a necessidade de pensar uma escola que aproxime mais a realidade da cultura do grupo, que perceba que o povo tem um saber e que ele é importante para a identidade local, que saia de suas paredes e busque a vida em seu redor, como queria Freinet. Apesar das interferências apontadas pelos professores, existe ainda um longo, porém interessante, caminho a construir na direção dessa integração.

Conclui-se que os estudos etnográficos no Ensino Fundamental permitem uma substancial contribuição às questões postuladas pelos estudos culturais no currículo escolar, principalmente ao se tratar da cultura local e do cotidiano dos alunos em família e em comunidade e estas, por sua vez, se inserindo na cultura regional, estadual e nacional.

Os resultados obtidos fortaleceram a certeza de um fazer pedagógico inserido na vida e no cotidiano dos alunos, das escolas e das comunidades, no sentido de revitalizar também a aproximação da escola com a história, os saberes e a cultura local. Os temas abordados no estudo possibilitam uma aproximação do currículo com a Antropologia Cultural.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- DE BONI, Luiz A; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Caxias do Sul: UCS, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio: LTC, 1987.
- HOEBEL, E. Adamson e FROST. Everett. *Antropologia cultural e social*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- KOTECK, Luiz Moraes. *Conhecendo o Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ática, 1996.
- KRAMER, Elva Verlang. *Rio Grande do Sul: estudos sociais*. São Paulo: FTD, 1988.
- KRAMER, Elva Verlang. *Terra gaúcha*. São Paulo: FTD, 1993.
- MOREIRA, Igor. *Estudos sociais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ORO, Ari Pedro. Mi son talian. In: *Presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1996.
- POZENATO, José Clemente. Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul.. Caxias do Sul, *Caderno EDUCS*, v. 3, 1990.
- VIEIRA. Rio Grande do Sul. *Estudos sociais*. [S.l., s.n.], 1992.

---

---

**Luiz Alberto de Souza Marques** - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/RS. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/RS. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do vale do Rio dos Sinos - UNISINOS/RS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

E-mail: [luiz.marques@unisul.br](mailto:luiz.marques@unisul.br) ou [bettamar2@terra.com.br](mailto:bettamar2@terra.com.br)

---

---

Submetido em outubro de 2008 | Aceito em fevereiro de 2009